

AdUFRJ

1299 · 22 de novembro de 2023 · www.adufrj.org.br · TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



“

Eu tive grandes espelhos em casa. Meus pais sempre foram professores. Eu ficava maravilhado com alguém formando pessoas. Ser professor é motivo de grande alegria. Acordo às 5h com prazer todas às terças e quintas para dar aula. Meu pai e minha mãe viveram adversidades enormes. Eu olhava para eles e sonhava em ser igual. Essa homenagem é para eles. É de quem veio antes de mim e teve menos oportunidades do que eu tive porque sofreu muito mais preconceito. Não sou ícone. Quero apenas que essa conquista seja inspiração para quem vem depois. Essa titularidade tem que ser instrumento de inclusão.

É lamentável que só em 2023 um professor negro chegue à classe de titular na Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. Essa instituição foi honrada por raríssimos negros e eles foram invisibilizados em suas trajetórias. Hoje ainda somos pouquíssimos. Por isso, assumo o compromisso com as políticas de acesso. Só se acaba com a invisibilidade quando você dá oportunidades. A universidade é muito mais preta do que na minha época, mas pode ser mais.

**NILO POMPÍLIO, PRIMEIRO PROFESSOR
TITULAR NEGRO DA FACULDADE NACIONAL DE DIREITO**

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA



ARTIGO |
**ANTÔNIO CARLOS
FONTES DOS SANTOS**
Professor Titular do
Instituto de Física

SOU INTELIGENTE O SUFICIENTE PARA ESTAR AQUI?

Durante este mês de novembro celebramos a Consciência Negra. É um momento para recordarmos as batalhas dos movimentos negros em prol do fim da opressão causada pela escravidão.

O dia 20 de novembro faz lembrar a morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares juntamente com Dandara. O mês da Consciência Negra também nos instiga a não esquecer que este país é marcado por mais de três séculos de escravidão e pelo comércio transatlântico de pessoas escravizadas. Porém, mesmo depois de mais de um século após a sua abolição oficial, os efeitos daquele Holocausto negro ainda são presentes na nossa sociedade, como a discriminação e a subalternização de pessoas negras.

Parte da academia e da sociedade, não apenas no Brasil, mas a nível mundial, busca meios para aumentar a diversidade nos lugares de poder em busca de uma sociedade mais justa e saudável. Muitos fatores contribuem para a falta de diversidade na universidade, incluindo grandes questões sociais sobre as quais um membro individual do corpo docente tem pouco ou nenhum controle. Porém, a dinâmica intrínseca do poder social dentro da universidade, nitidamente o capital social, ou, no caso brasileiro, o capital social das relações pessoais, mantém diversas manifestações de privilégio e de exclusão, as quais podem manifestar-se mesmo em instituições cujo funcionamento é orientado, pelo menos no discurso, para promoção da igualdade.

A universidade brasileira reproduz essas ocorrências de vantagem e de exclusão. A presença de um conjunto restrito de sobrenomes no corpo docente nos informa sobre a presença de uma “aristocracia social branca”, tornando menos evidente o princípio da igualdade de oportunidades que serve como base para os sistemas educacionais e que mantém uma lógica de castas por trás de uma aparência de meritocracia racional. Não raro encontramos cursos de graduação e programas de pós-graduação coordenados historicamente por membros de uma mesma família.

Como professores, nos concentra-

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”



Nelson Mandela
NELSON MANDELA

mos em qual conteúdo ensinar e como apresentá-lo. Curiosamente, a educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), ainda não constam nas disciplinas de vários cursos de licenciaturas. Podemos entender que esta é também uma das consequências da falta de representatividade?

Outra consequência deste sistema de privilégios é que os professores não compreendem completamente as pers-

pectivas dos seus alunos. Estudantes pertencentes de grupos subrepresentados chegam às aulas com suas próprias dúvidas e preocupações. Eu pertencço a este lugar? Sou inteligente o suficiente para estar aqui? O professor e os outros alunos me respeitarão? Eles olham para os docentes e dirigentes e podem se perguntar: “Há alguém como eu aqui?”

Rotineiramente ouvimos denúncias de casos de racismos dentro da UFRJ. Pessoas negras são definidas como sem capacidade, por exemplo, para ocupar cargos de direção ou participar de bancas

de concurso. Mesmo que o racismo tenha deixado de ser socialmente aceito, ele continua atuando no plano inconsciente. Muitas posições de poder dentro da universidade são ocupadas por indicação. Para além de práticas discriminatórias, essas indicações decorrem das preferências por pessoas do mesmo grupo, como nossos colegas da psicologia social sabem há muito tempo.

A discriminação inconsciente surge de uma série de processos interconectados. Dado que a categorização é um componente central do processo cognitivo, as pessoas constantemente classificam os outros com base em normas culturais. Os estereótipos operam de maneira automática e inconsciente, levando as pessoas a encontrarem razões para excluir indivíduos de grupos minoritários. O Professor Rodrigo Moraes, em sua tese de doutorado [1], evidencia que um grupo de estudantes do Ensino Médio, quando exposto a fotos de acadêmicos e acadêmicas e questionado sobre quais reconhecem como cientistas, identifica apenas homens brancos, rejeitando mulheres e pessoas negras.

Este exemplo ilustra a presença de um pensamento colonial, como se apenas homens brancos, com fenótipos europeus, fossem capazes de produzir conhecimento acadêmico. E se eu não sou um homem branco, logo a universidade não é um lugar para mim. Assim, o privilégio do conhecimento para alguns resulta na negação do conhecimento para outros, assim como a afirmação da existência para alguns oculta a negação do direito à vida para outros: a desqualificação epistêmica se torna um instrumento destacado da negação ontológica [2].

A cegueira e o negacionismo acerca das disparidades aqui relatadas (“eu não vejo cor, para mim são todos iguais”) condena e permite explicar todas as desigualdades, especialmente no que diz respeito ao desempenho acadêmico, como inerentes e resultantes de diferenças de habilidades.

[1] R. F. Moraes, Identidades Racializadas e a Atitude De Negras(Os) Frente à Física, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, UFRJ, (2019)

[2] N. MALDONADO-TORRES, Sobre la decolonialidade del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. p. 127-167. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA

ENTREVISTA | NILO POMPÍLIO, PROFESSOR TITULAR DA FACULDADE DE DIREITO

“A MAIOR FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO É O CONHECIMENTO”

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Aos 64 anos, o professor de Direito Processual Penal da UFRJ, Nilo César Martins Pompílio da Hora, é o mais novo titular da Faculdade Nacional de Direito. A conquista é um marco não só pessoal, mas na história da FND: ele é o primeiro docente negro a alcançar o topo da carreira em mais de 130 anos de existência da unidade. “Essa titularidade não é minha. É dos meus pais. É de quem veio antes de mim e teve menos oportunidades do que eu tive porque sofri muito mais preconceito do que eu sofri”, desabafa o professor em entrevista ao **Jornal da AdUFRJ**. O gosto pela sala de aula vem de berço. Seu pai era José Pompílio da Hora, o primeiro professor negro da FND. Sua mãe, Níria Martins Pompílio da Hora, professora de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. “Eu olhava para eles e sonhava em ser igual. Eles são os donos desse título. Essa homenagem é para eles”. Despido da vaidade tão corriqueira no meio acadêmico, o docente afirma estar vivendo um dos momentos mais felizes de sua vida. “Não sou ícone. Quero apenas que essa conquista seja inspiração para quem vem depois. Essa titularidade tem que ser instrumento de inclusão”.

● **Jornal da AdUFRJ – Seu memorial foi defendido em setembro e o senhor aprovado por unanimidade pela banca. Como é esse sentimento?**

■ **Nilo Pompílio** – Estou feliz à beça. Meu pai foi o primeiro professor preto da FND. Dava aula de Direito Romano. Então, eu quis dedicar essa titulação a ele, à minha mãe, aos meus alunos. Estou num momento muito feliz da minha vida. Sou professor há 40 anos. Produzindo e compartilhando conhecimento. A maior ferramenta de libertação é o conhecimento. Foi isso que meu pai me ensinou.

● **Ser professor sempre foi seu sonho ou sua família o incentivou?**

■ Ser professor é motivo para mim de grande alegria. Eu acordo às 5h com prazer todas as terças e quintas para dar aula. Eu tive grandes espelhos em casa. Meus pais sempre foram professores. Eu ficava maravilhado com alguém formando pessoas. Então, eu sou ferramenta. Meu pai e minha mãe viveram adversidades enormes e me permitiram estar aqui. Eu olhava para eles e sonhava em ser igual. Essa homenagem é para eles. Essa titularidade não é minha. É dos meus pais. É de quem veio antes de mim e teve menos oportunidades do que eu tive porque sofri muito mais preconceito do que eu sofri.

● **Como é para o senhor ser o primeiro docente negro do Direito a chegar a**

titular e se tornar um ícone?

■ Não sou ícone. Quero apenas que essa conquista seja inspiração para quem vem depois. Essa titularidade tem que ser instrumento de inclusão.

● **E como vê o fato de ser o único docente até agora, em mais de 130 anos de história da FND, a alcançar o último nível da carreira?**

■ É lamentável que só em 2023 um professor negro chegue à classe de titular na Faculdade Nacional de Direito. Meu pai sofria muito preconceito, foi notadamente marginalizado. É uma tristeza. Essa instituição foi honrada por raríssimos negros que foram invisibilizados em suas trajetórias. Hoje ainda somos poucos. Por isso, assumo o compromisso com as políticas de acesso. Só se acaba com a invisibilidade quando você dá oportunidades.

● **Mas a academia mudou muito ao longo dos anos, não?**

■ A universidade é muito mais preta do que na minha época, mas pode ser mais. Somos um país fortemente marcado pelo preconceito contra o negro, contra a mulher. Recebi muitas felicitações, mas sempre há segmentos que se incomodam por eu ter chegado a titular, pelo fato de eu ser negro. No entanto, eu tenho responsabilidade com meus alunos. Sou muito feliz ao estar na frente de jovens negros e negras em sala de aula.



ACERVO PESSOAL

Mas quero ver mais pretos e pretas nas aulas, na carreira docente, em projetos de pesquisa, em postos de comando, tomando decisões. A academia é notadamente muito carente de pretos e pretas no corpo docente.

● **O senhor acredita que as cotas nos concursos de professores podem ajudar nesse processo?**

■ Ajuda, sim. Contribuem fortemente para a diversidade na academia. Mas é preciso ter mais espaço nos programas de pós-graduação. Ainda há pouco espaço. A cota precisa ser monitorada para ser melhor cumprida. No momento em que você der espaço para o povo preto dentro dos programas de pós-graduação, você consegue de fato espelhar a diversidade. E esse conhecimento vai interferir na sociedade. É preciso ter pessoas pretas na formação da opinião pública, para que nossa sociedade mude, deixe de ser racista. Causa espanto não ver tantas pessoas pretas competentes nessas posições. Elas existem, são muito mais qualificadas do que eu, inclusive, mas ainda falta espaço. A invisibilidade das pessoas pretas ainda é imposta e está sendo lentamente combatida com a inclusão.

● **Em seu artigo “Processo Brasileiro para Negros”, o senhor diz que “desde a abolição da escravatura, a normatividade penal funciona como ferramenta de controle social e segregação racial”. Isso permanece?**

■ Permanece firme e forte. Eu já fui parado inúmeras vezes, inclusive por pessoas (policiais) da minha cor. Elas não se enxergam como pretas. Eu já passei por abordagens desse tipo “n”

vezes. A atitude é de pura discriminação. E a gente segue observando as invasões nas favelas com essa segregação sendo perpetuada, com abuso de autoridade. É muito sério tudo isso. A gente está em 2023, não pode mais haver lugar para esse tipo de coisa. Mas há um viés ideológico que olha o povo preto como inimigo.

● **Essa constatação o levou a desenvolver o projeto de pesquisa Processo Penal Brasileiro para Negros?**

■ Sim, nossa sociedade tem ferramentas de exclusão pautadas no racismo. O Estado Novo decretou em 1941 a vadiagem como crime, embora o Estado não fornecesse moradia, trabalho, alimentação. Essa lei ainda existe. Ainda está em vigor. Então, há práticas e ferramentas que carecem de revisão. Reconhecimento de pessoas e coisas por foto, por exemplo, flagrantes questionáveis, falhas de investigação. São instrumentos usados contra o povo preto. A população carcerária é majoritariamente preta. Então, nosso trabalho é analisar esses instrumentos para propor mudanças.

● **O senhor acha que essas mudanças vão acontecer?**

■ Estão acontecendo, lentamente, mas acontecem. Algumas coisas já estão em processo de revisão, como o reconhecimento por foto. E eu quero ter oportunidade de produzir mais para impactar mais a sociedade. Não paguei para estudar, para fazer graduação, mestrado, doutorado. Preciso retribuir tudo isso que eu recebi. Quero ver pessoas pretas em cargos de decisão. O discurso antirracista não basta. É preciso vontade política e prática.

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA

NEGROS NO BRASIL

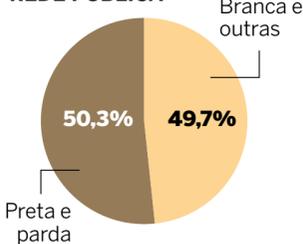
Pretos e pardos são maioria nas universidades públicas do país, mas grupo ainda é sub-representado

POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 2022

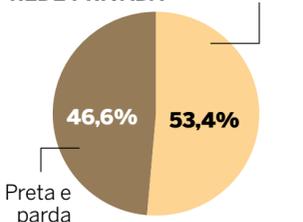
- Brancos: **42,8%**
- Pretos: **10,6%**
- Pardos: **45,3%**
- Total de pretos e pardos: **55,9%**

Estudantes de 18 a 24 anos no ensino superior em 2018

REDE PÚBLICA



REDE PRIVADA



PRETOS E PARDOS AINDA SÃO MINORIA EM CURSOS COM MAIOR PRESTÍGIO SALARIAL

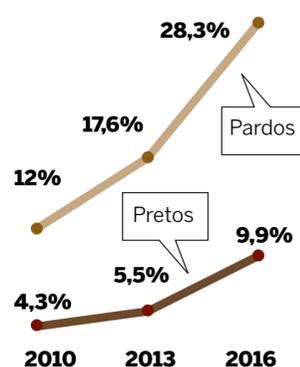
- Medicina: **25%**
- Odontologia: **36,1%**
- Direito: **36,1%**
- Engenharia: **37,2%**

NA UFRJ, BRANCOS AINDA SÃO O MAIOR GRUPO NA GRADUAÇÃO. PERCENTUAL DE PRETOS E PARDOS ESTÁ EM CRESCIMENTO

2023

- Brancos: 25.847
- Pardos: 14.010
- Pretos: 7.723
- Amarelo: 459
- Indígena: 92
- Não declarados: 8.066
- Total: **56.197**

Participação de pretos e pardos entre os ingressantes na graduação da UFRJ



ESCOLARIDADE AINDA É MAIS BAIXA ENTRE PRETOS E PARDOS

Analfabetismo entre pessoas a partir de 15 anos de idade

- Brancos: **3,9%**
- Pretos e pardos: **9,1%**

Abandono escolar

Jovens de 18 a 24 anos com menos de 11 anos de estudo e que não frequentavam escola

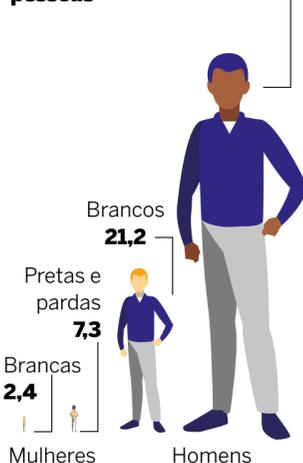
- Brancos: **17,4%**
- Pretos e pardos: **28,8%**

Conclusão do ensino médio na faixa etária de 20 a 22 anos

- Brancos: **76,8%**
- Pretos e Pardos: **61,8%**

JOVENS PRETOS E PARDOS SÃO MAIS VULNERÁVEIS A SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Taxa de homicídios a cada 100 mil pessoas



Envolvidos em briga com uso de arma branca

- Brancos: **7,0%**
- Pretos e Pardos: **8,4%**

Jovens do 9º ano em escolas situadas em área de risco

- Brancos: **45,7%**
- Pretos e Pardos: **53,9%**

Escola pública

- Brancos: **50,1%**
- Pretos e Pardos: **55,3%**

Escola privada

- Brancos: **29,5%**
- Pretos e Pardos: **40,7%**

BRANCOS AINDA GANHAM MAIS, SOFREM MENOS COM O DESEMPREGO E SÃO MAIORIA NOS CARGOS DE CHEFIA



No total de desempregados, brancos são **35%** e pretos e pardos, **65%**

Renda familiar per capita

- Brancos: **R\$ 1.866**
- Pretos e pardos: **R\$ 955**

Fontes: Informativo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil 2022/IBGE e UFRJ.



*Capa inspirada em foto de Nelson Mandela, feita em 2011 por Adrian Steirn

ESPECIAL CONSCIÊNCIA NEGRA

ENTREVISTA | RACHEL AGUIAR, DIRETORA DO NEABI

“DEFENDEMOS UMA UNIVERSIDADE COM CURRÍCULO ANTIRRACISTA”

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Ações afirmativas transformaram o perfil da graduação da UFRJ. Dos 56.197 estudantes, pelo menos 38,6% são pretos ou pardos — oito mil pessoas não informaram a etnia à pró-reitoria de Graduação. E, aos poucos, as cotas também estão mudando outros segmentos da universidade: um terço dos ingressantes nos cursos da pós no primeiro semestre deste ano e 16% dos professores são pretos ou pardos (veja números ao lado e abaixo). Para contribuir com a consolidação desta mudança, a instituição conta com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI). Criado em 2021 e com regimento recém-aprovado no Consuni, o órgão suplementar do Fórum de Ciência e Cultura inicia no próximo ano a inserção de disciplinas vinculadas à questão étnico-racial no currículo de quatro unidades. Além disso, pretende expandir suas atividades de divulgação e interação com a sociedade. “Isso está apenas começando”, afirma a professora Rachel Aguiar, diretora do NEABI.

● **Jornal da AdUFRJ - Como a senhora avalia a transformação da universidade pelas cotas?**

■ **Rachel Aguiar** - Agora estamos vendo nas instituições federais de ensino uma nova cara: a nossa cara, da população negra. São famílias que, pela primeira vez, estão vendo os filhos fazer essa ascensão, com muito esforço. Agora é necessária uma ampliação das políticas de ação afirmativa, que precisam ser interdisciplinares e articuladas, para garantir essa juventude na graduação. Em seguida, garantir a continuidade de seus estudos na pós-graduação e que também tenham a oportunidade de ingressar nos espaços da universidade na condição de docentes.

● **O que mudou para o NEABI com a aprovação do regimento em setembro?**

■ A aprovação do regimento interno garante essa chancela para termos um

corpo social do NEABI em que haja divulgação de pesquisa vinculada à questão étnico-racial no Brasil, de uma troca de conversas com os movimentos sociais fora da UFRJ, de uma troca de conversa com instituições internacionais, principalmente as africanas. São mais de 500 universidades na África. Também podemos organizar disciplinas NEABI. Defendemos uma universidade antirracista, com currículo e pesquisas antirracistas. Isso está apenas começando.

● **O que são disciplinas NEABI?**

■ Nós nos articulamos com os cursos parceiros e desenhamos uma ementa que tem a ver com o nosso projeto político-pedagógico. Serão disciplinas vinculadas com a chamada Teoria Contemporânea Antirracista. Vamos começar na Escola de Música, na Escola de Enfermagem, no NEPP-DH e na Escola de Educação Física e



ACERVO PESSOAL

boratório de pesquisa, divulgação de revista acadêmica, divulgação de trabalho, seminários, congressos e aulas.

● **Pode nos dar um exemplo de atuação do NEABI?**

■ Organizamos no ano passado as Temporadas Artenegrindias. É uma ação que faz um contraponto à Semana de Arte Moderna por invisibilizar a cultura negra e indígena. No dia 24 de novembro, agora, teremos a segunda edição nos pilotis do antigo prédio da reitoria.

● **O NEABI tem recursos suficientes para esta missão?**

■ Dificuldades de pessoal e de recursos existem em toda a universidade e ainda mais para quem está começando agora. É muito importante termos orçamento para que o NEABI possa expandir suas atividades com a criação de sites, de revistas, eventos, para fazer convites para pesquisadores renomados do exterior. Já que estamos na maior universidade do Brasil, o convite não é tão difícil. O problema é o recurso para custear o deslocamento de pesquisadores e ativistas importantes.

● **E pessoal?**

■ No NEABI, somos eu, o vice-diretor, dois coordenadores de extensão, dois coordenadores de pesquisa, dois coordenadores de educação básica, dois coordenadores de ensino e dois coordenadores de comunicação. São professores e servidores técnicos lotados nas unidades deles e que exercem uma carga horária extra no NEABI. Não temos servidores técnicos-administrativos por enquanto. Há esta demanda e o NEABI é uma das prioridades da administração central

● **Estar no Fórum ajuda o trabalho do NEABI?**

■ O Fórum de Ciência e Cultura é interdisciplinar. Perpassa todos os centros e essa é a intenção do NEABI: não ficar focado só nas ciências humanas. Tanto que teremos agora as disciplinas na Música, na Enfermagem e na Educação Física. A perspectiva é que a gente crie disciplinas e faça essas entradas também com Jornadas NEABI e eventos em outros centros. As Jornadas NEABI serão iniciadas no Centro de Tecnologia, a partir do primeiro semestre de 2024.

Desportos. Na Música, por exemplo, a disciplina vai desconstruir uma interpretação eurocêntrica sobre notas e cantos e vai valorizar a cultura africana.

● **Serão obrigatórias?**

■ No primeiro semestre de 2024, serão optativas. Mas o ideal — e a gente vai ter essa conversa com a pró-reitoria de Graduação — é que se construa um planejamento como na Federal da Bahia para que os cursos de graduação reformulem seus projetos curriculares e coloquem a obrigatoriedade das disciplinas étnico-raciais conforme as leis 10.639 e 11.645.

● **E o que mais podemos esperar do NEABI em 2024?**

■ Vamos lançar editais para se criar um corpo social oficial no NEABI. Nesses editais, professores, técnicos e estudantes vão submeter seus projetos para realizá-los dentro do núcleo. Teremos atividades de conversa, de la-

COTISTAS DE GRADUAÇÃO		TÉCNICOS DA ATIVA		PROFESSORES DA ATIVA	
			%		%
Amarela	158	Branca - 4.621	55,84	Branca - 3.392	82,41
Branca	7.949	Parda - 2.519	30,44	Parda - 539	13,10
Indígena	41	Preta - 993	12	Preta - 124	3,01
Preta	5.504	Amarela - 75	0,91	Amarela - 37	0,90
Parda	8.789	Não informada - 40	0,48	Não informada - 16	0,39
Não informada	1.230	Indígena - 27	0,33	Indígena - 8	0,19
		Total - 8.275		Total - 4.116	

Fonte: PR-1

Fonte: PR-4

PÓS-GRADUANDOS POR ETNIAS*

ANO	RAÇA/COR	DOCTORADO	MESTRADO	MESTRADO PROFISSIONAL	TOTAL
2023	Amarelo	5 (0,51%)	16 (0,98%)	3 (0,74%)	24 (0,80%)
	Branco	611 (62,92%)	1.052 (64,22%)	246 (61,04%)	1.909 (63,38%)
	Índio	8 (0,82%)	8 (0,49%)	14 (3,47%)	30 (1%)
	Não declarado	18 (1,85%)	6 (0,37%)	2 (0,5%)	26 (0,86%)
	Pardo	220 (22,66%)	352 (21,49%)	97 (24,07%)	669 (22,21%)
	Preto	109 (11,23%)	204 (12,45%)	41 (10,17%)	354 (11,75%)
TOTAL		971	1.638	403	3.012

*Dados dos ingressantes do primeiro semestre do ano. A PR-2 não tem o levantamento geral. Fonte: PR-2

ESPECIAL **CONSCIÊNCIA NEGRA**

MAIS ESPAÇO PARA A VOZ DA MINERVA NEGRA

> A UFRJ preta tem voz e vontade. Quer mais espaço nas salas de aulas, nas pesquisas, na docência. Em depoimentos corajosos e emocionantes, professores, estudantes e técnicos, todos negros, todos comprometidos com a universidade pública, traçaram um painel do que é ser preto numa instituição ainda castigada pelo elitismo branco — segundo dados da PR-4, 80% dos cargos de direção são ocupados por brancos. Para mudar esse injusta proporção, cotas e consciência são ferramentas essenciais

RENAN FERNANDES
comunica@adufrj.org.br

Com as políticas públicas de inclusão, a UFRJ ficou mais aberta, diversa e menos desigual. A fisionomia da universidade mudou e é menos branca. No

entanto, há um longo caminho a ser percorrido para eliminar as disparidades raciais. Derrubar as barreiras da estrutura racista da sociedade brasileira demanda tempo e luta organizada. Durante o mês da Consciência Negra, a reportagem da AdUFRJ percorreu os campi da universi-

dade para ouvir professores, técnicos e estudantes. Todos negros e comprometidos com o combate ao racismo. Nos depoimentos, palavras de esperança na construção de um futuro mais justo, com pretas e pretos em posições de poder para tomar decisões que ditam os rumos da própria

história.

Representatividade foi o tema mais citado pelos entrevistados. Todos lamentam a escassez de espelhos de inspiração. A falta de docentes negros nos quadros da universidade é motivo de preocupação. Quem chega nessa posição de prestígio na

academia vira exemplo, inspira os jovens que iniciam a trajetória acadêmica.

A AdUFRJ quer ouvir e amplificar a voz da comunidade negra. A seguir, docentes, servidores e alunos contam seus dias, histórias e desafios na maior universidade federal do país.



ACERVO PESSOAL



RENAN FERNANDES



FERNANDO SOUZA

“

“O racismo atravessa toda a minha formação, desde a escola. Em todos os espaços educacionais a gente se defronta de alguma maneira com o racismo, seja a partir do currículo, seja a partir das relações interpessoais, acadêmicas e institucionais. Em dez anos como professor da UFRJ, ainda me deparo com casos tenebrosos de racismo e é muito difícil convencer grande parte da comunidade acadêmica de que isso acontece e é mais naturalizado do que se imagina. Contudo, acho importante pontuar que esses episódios não estão passando em branco, eles estão gerando mobilização por toda a comunidade, principalmente entre os estudantes. Os casos de racismo proliferam no Brasil contemporâneo e cada vez mais vemos pessoas respondendo no rigor da lei por suas atitudes e na UFRJ não deveria ser diferente.”

BERNARDO OLIVEIRA

Chefe do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação

“

“Não tive aula com nenhum professor negro. Normalmente, há poucos negros nas minhas turmas, só eu e mais um aluno. Às vezes tem outra menina, mas é muito pouco. Ver que estou neste lugar e posso ser inspiração para outros me deixa feliz, mas, ao mesmo tempo, me entristece que sejamos tão poucos e isso pode acabar desmotivando quem queira chegar até aqui”.

SARAH LUIZA PORTO

Estudante de Arquitetura

“

“O momento em que uma aluna disse que me via como uma possibilidade de ingressar na universidade foi quando coloquei o pé no chão e pensei sobre representatividade. Até então, me via apenas como uma professora da UFRJ e queria produzir. Comecei a entender a minha responsabilidade. Percebi que vários alunos negros puxavam matéria comigo porque sou uma mulher negra — uma estudante até fez um TCC sobre mim. Durante muito tempo, fui a única professora negra no Instituto de Matemática. Isso só vai mudar com um grande trabalho para fomentar o ingresso e a formação de alunos negros na pós-graduação”.

NEDIR DO ESPÍRITO SANTO

Professora do Instituto de Matemática e Vice-presidente da AdUFRJ

ESPECIAL **CONSCIÊNCIA NEGRA**

ACERVO PESSOAL



ACERVO PESSOAL

“

“A profissão de enfermagem é majoritariamente feminina e negra, mas não em suas instâncias de poder e liderança. Nos quadros da universidade, temos poucos professores negros. Comecei a trabalhar com pessoas com doença falciforme, mais comum em negros, em 2008, quando passei a discutir de maneira mais frontal o racismo. Por conta deste trabalho, em 2018 passei a integrar a Comissão de Heteroidentificação da UFRJ, para evitar fraudes no ingresso por cotas. Me agregar aos servidores e estudantes dos coletivos mudou a minha vida, que foi redirecionada para atuar na linha de frente pelo acesso por ações afirmativas. Hoje, estou ligada à Escola de Enfermagem pela força da Liga de Saúde da População Negra, de disciplinas e projetos de extensão voltados à negritude, todos frutos do encontro afrodiaspórico com os colegas da UFRJ que estão na luta antirracista”.

CECÍLIA IZIDORO

Professora da Escola de Enfermagem Anna Nery

RENAN FERNANDES



RENAN FERNANDES

“

“Estou há um ano nessa experiência de docência na UFRJ e é bastante comum ver nos alunos o estranhamento ao encontrar nesse lugar de intelectualidade uma professora preta. Estar aqui na universidade já é um ato de resistência muito grande e tenho muito orgulho dessa caminhada. O mais gratificante é a troca com os alunos, que podem estabelecer uma conexão e perceber que também podem seguir uma carreira acadêmica. A questão da representatividade é fundamental. Essa é uma experiência de muita resistência, muito árdua, mas também de muita força que a gente vai construindo na luta coletiva com os nossos, com a comunidade de professores pretos da UFRJ. Existe uma mobilização expressiva aqui na Casa e essa acolhida contribui para a gente perceber que a caminhada nunca é solitária. Os nossos estão aqui demarcando espaço”.

JULIANA BARBOSA

Professora substituta da Faculdade de Educação

“

As relações étnico-raciais na UFRJ sempre foram reflexos do racismo estrutural da sociedade brasileira e do racismo institucional. Exemplo forte se dá na ínfima representação de negras e negros nos cargos de direção/poder. Segundo dados da PR-4, 80% são brancos e 20% são negros. A trajetória acadêmica sempre foi impregnada de uma hegemonia que tem alicerces no colonialismo. Os técnicos-administrativos, por meio da luta pelo reconhecimento de seu papel na produção de conhecimento e da máquina da instituição, vêm ocupando cargos importantes dentro da estrutura, mas ainda insuficientes pelo seu peso e representação.

A garantia de vagas para servidores nos processos seletivos de mestrado e doutorado foi mais uma bandeira de luta e vem produzindo aumento significativo de mestres e doutores negros e de dissertações e teses com a temática racial e de gênero. Isso acontece como consequência de uma trajetória de organização e de ocupação de espaços políticos que levam negras e negros ao protagonismo. A campanha antirracista 'Nem um passo atrás: a universidade está mudando', lançada na universidade no dia 27 de outubro, é um movimento crescente e potente, que busca reordenar as relações e as denúncias são necessárias para a construção de um espaço diverso e plural”.

DENISE GÓES

Técnica em Educação e Superintendente-Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Acessibilidade

“

“As pessoas mudam de calçada quando me veem. Não sei se é porque sou negro, se tenho cara de ladrão, ou somente porque o Rio de Janeiro é uma cidade perigosa. Sou do Gabão, um país da África Central. Estou no Brasil há sete meses. Estou na UFRJ para estudar português antes de começar um curso de Engenharia da Computação na UFTM. Isso também acontece no Gabão, mas aqui no Brasil é muito frequente, acontece muito”.

TOBY BONGOTHA

Estudante de intercâmbio

ADUFRJ PRESENTE!

>A celebração da Consciência Negra mobilizou intensamente a diretoria da AdUFRJ nos últimos dias. Primeira docente preta do Instituto de Matemática, a professora Nedir do Espírito Santo, vice-presidente da AdUFRJ, participou de conferências, exposições, rodas de samba e debates. Todos com o mesmo compromisso: resgate histórico e esperança de dias mais diversos

FOTOS: FERNANDO SOUZA



20 DE NOVEMBRO: TERREIRO DE CRIOULO NO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Música, dança, gastronomia, moda e artesanato afrocentrados animaram o Dia da Consciência Negra no “Terreiro de Crioulo — Um samba para Dandara & Zumbi”, em Padre Miguel, na Zona Oeste. Apresentações de capoeira e jongo ocuparam a Praça Nave do Conhecimento. O jongueiro da Cia. Banto, Carlos Semog, falou sobre a importância do projeto para a região. “O Terreiro de Crioulo é um marco em questão de pretitude na Zona Oeste. Aqui a gente trabalha com empoderamento e resgate. Todo mundo vem com seu dorso, seu pano de cabeça, turbantes, miçangas, guias. Você olha em volta e vê o sistema preto acontecendo”.

O encontro também estimulou o empreendedorismo negro. Do acarajé e feijoada às roupas e artesanatos temáticos. A dona da Preta Acessórios, Denise Simone, exaltou a relevância do evento para os negócios. “Hoje, estou vendendo muito. Todo mundo se concentra em um lugar só. Já vendi para gente que veio de São Paulo e da Bahia”. A vice-presidente da AdUFRJ, professora Nedir do Espírito Santo, ficou encantada com o cenário e a diversidade de pessoas, ritmos e produtos. “Fiquei impressionada com a organização, com a quantidade de pessoas negras produzidas em temas afro. Ainda comi um acarajé delicioso”, brincou.

MERIANE PAULA



PANFLETAGEM SOBRE COTAS NA FEIRA DAS YABÁS

■ Nedir compareceu à tradicional Feira das Yabás, em Madureira, para conversar com a população sobre o acesso às universidades federais pelas cotas, no dia 19. “A política de cotas é um importante meio de acesso e democratização da universidade e pode ser usada para ingressar na UFRJ”, explicou a docente. O material produzido pelo Observatório do Conhecimento foi distribuído pela professora no segundo dia de provas do Enem.

FERNANDO SOUZA



FÓRUM DISCUTE URGÊNCIA DO COMBATE AO RACISMO

■ Ampliação das políticas de assistência estudantil, contratação de mais docentes negros e negras para se tornarem referências da juventude e combate à cultura racista no ambiente acadêmico. Os temas foram discutidos no seminário “O papel e a presença da população negra na Academia”, dia 21, no Fórum de Ciência e Cultura. “Eu era a única professora negra do Instituto de Matemática até três anos atrás”, lamentou Nedir, durante o debate.

JOÃO LAET



“QUEREMOS MAIS NEGROS NA DOCÊNCIA E NA PÓS”

■ Pelo 11º ano consecutivo, o Centro de Tecnologia sediou a Semana da Consciência Negra. O evento reuniu e homenageou mulheres negras cuja trajetória se confunde com o ativismo contra o racismo. Vice-presidente da AdUFRJ, a professora Nedir do Espírito Santo fez parte da mesa da tarde. “Uma das frentes que venho trabalhando é que a gente tenha mais professores negros. A gente consegue isso possibilitando o acesso de estudantes negros à pós-graduação”, disse.